

**Do monstro por vir**  
De Giovanbattista Tusa

*Estratos da conferência de Giovanbattista Tusa " Foucault's monsters.  
The World Congress Foucault: 40 Years after-Lisbon.  
6-7 de junho de 2024.*

Há forças que nunca farão parte da ordem da presença, que nunca serão iluminadas pelo terror da sua evidência. Poderes que nunca serão integrados na atualidade.

As inundações, os vulcões, os continentes afundados são o poder contínuo de uma história estabilizadora da terra, de uma ordem visível que estabelece a sua continuidade com base numa série contínua de catástrofes.

Assim, os seres visíveis adquirem progressivamente, através de variações sucessivas, todos os caracteres que nos são conhecidos, e a forma coerente e sólida é, de facto, o resultado fragmentário de uma série de metamorfoses contínuas de diferenciações esquecidas ou abortadas. Os seres visíveis surgiram contra o pano de fundo incessante de catástrofes que aparecem, brilham, naufragam e, por vezes, perduram.

O monstro é a testemunha de todas as metamorfoses que tiveram lugar e que depois abortaram para atingir uma forma. Os monstros são o ruído de fundo, o murmúrio ininterrupto por baixo de cada forma realizada, actualizada. A proliferação de monstros sem amanhã é a materialização de um espaço de experiência em que o pensamento experimenta os seus próprios limites, confrontando-se com o seu próprio impensado. No momento em que o ser humano aparece na cena da cultura ocidental, o outro do homem, o impensado, passa a constituir a sua contra-figura.

Vivemos numa época em que se diz que o homem se reflecte em todos os espaços planetários, nos picos das montanhas, nos oceanos, nas calotas polares. Mas, ao mesmo tempo, em que o ser humano parece realizar-se como o único agente da ação terrestre, esta época também expõe o fracasso do antropocentrismo, pois também mostra como a humanidade depende de entidades não-humanas. Esta época, que apresenta a possibilidade do fim do homem como o seu próprio horizonte, talvez anuncie também uma libertação desse horizonte e uma proliferação de experiências sem horizonte e sem finalidade.

Um pensamento fiel e atento ao mundo irredutivelmente por vir só pode então apresentar-se sob a espécie da monstruosidade, pondo assim em perigo qualquer delimitação entre natural e artificial - híbrido de composição e decomposição que talvez consiga dissolver toda identidade, alimentar a cultura viva e fermentar a massa sem nome que contém o fermento dos mundos por vir.

O monstro não é simplesmente a exceção de uma norma, a transgressão de uma ordem ou de uma sequência evolutiva, mas sim o índice de uma tensão radical entre ordens de atualização contraditórias. Etapa indecorosa de um processo de mudança, ele mostra sinais de uma transformação que não se realizou segundo a lógica soberana da atualização.

Resistente à força formadora da *ideia* descrita por Sócrates na *República* de Platão, o monstro conserva indomada a plasticidade da matéria que não se deixa domar pela idealidade.

Exibido como uma relíquia sagrada ou amaldiçoada, mostrado ao público como um estigma, o monstro representa o elemento intraduzível impossível de absorver no próprio idioma. Mostra que em “nós” há uma fenda que não nos permite encerrar uma vida numa autobiografia, que somos um sinal que mostra, que avisa; um monstro que não mostra nada. Vazio escavado, este espaço branco é o espaço transitório do ingovernável, o espaço no qual a lógica que rege a divisão entre o possível e o impossível é suspensa e novas formas de vida podem emergir